

O que Torna um Spoonerismo (in)Traduzível?*

Gideon Toury

*Tradução: Cristiane Copetti Refinski,
Fabiano Bruno Gonçalves, Gizelda
Ribeiro da Silva, Guilherme Godinho
Kolling, Helena Maria Roennau Lemos,
Ilesca Holsbach, Jaçanã Ribeiro, Joana
Jurema Silva da Silva, Letícia Ludwig
Loder, Luciana Kaross, Marcela
Migliavacca, Mariana Lustosa, Marli
Rocha de Quadros, Natacha Enzweiler,
Vinicius Nunes Menti, Vivian Karla
Cunha Militão*

Revisão de: Éda Heloisa Pilla

Resumo: *Os jogos de linguagem são freqüentemente considerados um desafio especial para tradutores bem como para os Estudos da Tradução. No presente trabalho, um tipo de jogo de linguagem, o spoonerismo inglês, o seu equivalente em francês, a "contrepèterie", bem como uma de suas representações institucionalizadas na literatura, o "Schüttelreim" alemão, serão discutidos em termos de sua traduzibilidade inicial, por um lado, e seu comportamento real em situações reais de tradução, por outro. Será dada atenção especial à função humorística de tais jogos de linguagem, já que ela é normalmente percebida como parte essencial dos jogos de linguagem como tais, além de sua função evidente de colocar o foco sobre a expressão em si, uma função que ficou conhecida (não muito claramente)*

* Esta é uma versão revisada e ampliada de um artigo com o mesmo título, publicado nas Actes du Colloque International "Humour et Traduction", editado por Anne-Marie Laurian (Contrastes, Hors série T 2), 1986, 211-222. A primeira versão foi apresentada como um trabalho na conferência "Humour et Traduction, Paris, 13-14 de dezembro de 1985. Queremos agradecer a Anne-Marie Laurian, à Association pour le Developpements des Études Contrastives (A.D.E.C.) e ao Centre de Recherche en Linguistique Contrastive (C.R.E.L.I.C.) em Paris, pela permissão de fazer uso dessa primeira versão.

como função “poética” no estudo de Roman Jakobson, “Linguística e Poética”.

Para o propósito deste trabalho, um **jogo de linguagem** consistirá em aplicar a um enunciado um tipo definido de regra, ou conjunto de regras, de natureza linguística, ou seja, que pode ser explicitada em termos linguísticos, mas que não possa ser invocada para usos normais, não jocosos, da língua. Estas regras são aplicadas para alcançar certos objetivos comunicativos específicos, dentre esses os que mais se salientam são o de chamar atenção para o enunciado como um segmento de língua organizado, revelando um sincretismo funcional (ou seja, a combinação de várias funções que se interseccionam em uma mesma unidade), produzindo efeitos jocosos.

1 - O Spoonerismo enquanto Jogo de Linguagem

1.1 - Spoonerismos e Lapsus Linguae (ato falho): Objetivos Comunicativos

Casos de spoonerismo (S)² como qualquer jogo de linguagem, freqüentemente se apresentam como enunciados curtos e relativamente independentes. Entretanto, também é possível encontrá-los em segmentos mais longos e mais complexos do texto, envolvendo vários usos da linguagem. Em virtude do sistema de relações no qual são introduzidos, tais Ss, como qualquer elemento constitutivo do texto, podem adquirir várias funções *ad hoc* que se sobrepõem, por assim dizer, às funções jocosas ou de chamar atenção, que cada exemplo poderia ter carregado isoladamente.

Mesmo que o humor provavelmente nunca seja obliterado, as tarefas comunicativas acrescentadas podem, isto sim, modificá-lo, colocando-o numa posição periférica na funcionalidade total do S dentro do texto no qual ele ocorre ou da situação onde ele é empregado. A seguir, um exemplo típico de um S contextualizado, usado de maneira jocosa:

- (1) Um certo professor em Oxford supostamente disse a um de seus alunos de graduação:

“You have *hissed* all my *mystery* lectures. In fact you have *tasted* two whole *worms* and you must leave Oxford this afternoon by the *Town Drain*.” (Huxley, 1944:91)

Ou, então, vejamos o seguinte parágrafo extraído de um romance canadense contemporâneo:

- (2) “When I was a kid, you had a gift for making me laugh...”
“Well, you’re no longer a kid,” Mr. Hersh said, bewildered, and let’s face it, it’s turned out you’re a *fart smeller*. Smart feller, I mean.”
(Richler, 1971:97-98)

É fácil ver que um *lapsus linguae* está na base dos segmentos em itálicos em ambos os exemplos e, portanto, do S, como um uso manipulador da língua. Os lapsos foram estudados por Sigmund Freud em sua obra, *Zur Psychopathologie des Alltagslebens*³, originalmente publicada em 1901. No exemplo que segue, Freud se reporta a um lapso de uma paciente sua, envolvendo as duas palavras *Taschenmesser* (literalmente, faca de bolso) e *Tassenmescher* (um palavra não existente em alemão cujo primeiro constituinte, *Tasse*, significa “xícara”):

- (3) “Ich klappe zusammen wie ein *Tassenmescher* – *Taschenmesser*,” sagte eine Patientin der Behandlungsstunde. (Freud, 1941:70)

Na realidade (1) aparece precisamente com esse tal lapso: o “certo professor de Oxford” a quem se atribui o triplo *lapsus linguae* na citação de Huxley é, na realidade, o próprio Reverendo Dr. William Archibald Spooner (1844-1930), que empresta seu nome a este tipo de metátese fonológica ou transposição.

Entretanto, é muito pouco provável que este enunciado, cuja grande complexidade sugere um planejamento meticuloso, represente um mero engano.

Seja o que for, a diferença básica entre um lapso genuíno e um jogo que emprega e manipula os princípios que lhe são subjacentes é, sem dúvida, a **intencionalidade**. Portanto, o que torna (3) um mero *lapsus linguae* é, antes de tudo, o caráter involuntário de sua produção. É óbvio que sua articulação no dado contexto situacional e verbal teve certas razões internas justificáveis, linguísticas, psicológicas ou ambas. De fato, a paciente de Freud fez imediatamente a observação:

- (3’) “Ja, das ist nur, weil Sie heute ‘Ernscht’ gesagt haben.” (ibid:70-71)

(Literalmente: Sim, isto é porque você disse ‘Ernscht’ hoje)

Ao contrário, o lapso da paciente, com toda a certeza, não tinha objetivos “externos”, muito menos objetivos que se pudesse chamar de **comunicativos**. No máximo se esperaria que o falante estivesse prevenido com relação a tais lapsos em vez de produzi-los.

O mesmo não se aplica aos exemplos (1) e (2). Estes dois exemplos poderiam talvez passar por *lapsus linguae* por parte de seus

² Daqui por diante referidos como S para o singular e Ss para o plural.

³ Publicado em português com o título de “Psicopatologia da Vida Cotidiana”.

falantes fictícios no ato de comunicação interno, isto é, dentro do mundo ficcional onde são produzidos; na realidade, até mesmo esta possibilidade não vale para (2), tendo em vista o hábito de Mr Hersh de fazer chistes ao longo do romance. Não resta dúvida, entretanto, quanto a seu uso totalmente intencional *pelos autores* dos textos dos quais fazem parte. São, realmente, casos claros de jogos de palavras **intencionais** no sistema comunicativo externo, ou seja, aquele constituído entre autor e leitor, freqüentemente (embora não necessariamente sempre) por trás e às expensas dos personagens fictícios. Em (1), a produção de humor é provavelmente o único motivo para a ocorrência de uma série de lapsos repetidos, com o conseqüente objetivo de ridicularizar o “tal professor de Oxford” muito mais do que ele merecia (sobre uma sugestiva discussão médica do caso de Dr. Spooner, ver Potter, 1980). Em (2), o humor, ainda que localmente presente, está claramente sujeito às outras funções mais globais (isto é, textuais), contribuindo notavelmente para o processo pelo qual Mr Hersh se caracteriza e onde são gradualmente expostas as relações pai-filho. Tais funções parecem ser comuns a muitos Ss usados em prosa ficcional onde, normalmente, são alocados a personagens dramáticos e, portanto, ocorrem em diálogos em vez de narrativas. O mesmo se poderia dizer de (1), uma vez que se considera o relato de Huxley como ficcional.

1.2 - As Regras do Jogo: Transposições Fonéticas

Como foi indicado, há um claro princípio lingüístico na raiz do tipo de lapso que subjaz ao S, ou seja, “a troca de fonemas entre duas palavras diferentes, de modo que os fonemas parecem saltar sobre os segmentos intervenientes” (Mattson e Baars, 1992:152). Este tipo de metátese, contudo, não constitui uma regra da língua como um todo, ou de nenhuma de suas variedades reconhecidas, e, portanto, este princípio pode apenas ser considerado *quase* lingüístico. Em (3), foram trocados os sons entre duas palavras **adjacentes**, *Taschen* (bolso) e *Messer* (faca), o que parece ser um fato recorrente nos lapsos dessa natureza. Além disso, os próprios sons transpostos em (3) – as consoantes fricativas alveolar e palatal [s] e [ʃ] – compartilham muitos traços distintivos, podendo-se presumir que a sua **semelhança** provavelmente contribua para a troca dos dois sons neste caso particular; mas, essa semelhança fonética não parece ser necessária para que ocorra a metátese fonológica.⁴

⁴ Ver em Sobkowiak (1991:205-10) uma lista de sons intercambiados num corpus de 332 Ss (um grupo de Ss intencionais e lapsos não intencionais).

O princípio da troca do som também influenciou o jogo de palavras. Entretanto, em Ss intencionais ele se tornou um mero componente de um **conjunto de regras** completo, o que, acima de tudo, exige uma aplicação bastante rigorosa. Tanto a arbitrariedade inerente quanto a natureza restritiva dessas regras explicam por que a sua aplicação, bem como o resultado dessa aplicação, são invariavelmente reconhecidos como intencionais e, portanto, como jogos de palavras propriamente ditos. Assim,

- Ss jocosos, via de regra, não envolvem apenas palavras – mesmo que elas sejam adjacentes – mas *unidades sintagmáticas* que sejam sintática e semanticamente bem formadas;
- uma considerável quantidade de material lingüístico pode *intervir* entre os segmentos que tomam parte na troca, resultando num salto importante;
- os próprios segmentos transpostos são normalmente os *sons iniciais* (um ou mais por palavra) das palavras diretamente envolvidas no jogo, que não foi, necessariamente, o caso do lapso subjacente.

Por outro lado, na transição dos princípios “naturais” do lapso para as regras “arbitrárias” do jogo, alguns traços fonéticos dos sons intercambiados parecem ter perdido sua função restritiva assim como sua semelhança. Isto confere muito mais liberdade a quem produz o S intencionalmente. De fato, sem esta maior flexibilidade, a necessidade de se sujeitar a muitas regras logo poderia tornar o jogo quase impossível. Neste caso, o enfraquecimento da restrição fonética deveria ser considerado antes uma espécie de “mecanismo de sobrevivência” antes do que uma simples quebra de regras.

A regra de transposição que produz exemplos de Ss intencionais com propósitos jocosos, portanto, tende a envolver **quatro segmentos**, os quais podem ser um ou um grupo de sons. Dois segmentos mudam de lugar enquanto os outros dois permanecem (mais ou menos) intactos. Se o material interveniente for deixado de fora, e cada segmento que efetivamente toma parte no jogo receber um número, a fórmula básica da transposição pode ser representada como uma simples regra de “reescritura” do tipo:

$$1\ 2\ 3\ 4 \rightarrow 3\ 2\ 1\ 4$$

A seqüência inicial⁵ (SI) de segmentos (1 2 3 4) constitui o início do processo de transposição, e a seqüência final⁶ (SF) (3 2 1 4) o resultado. Em (2), tanto a SI (smart feller) quanto a SF (fart smeller) estão fisicamente

⁵ Ou “input”, doravante referida como SI.

⁶ Ou “output”, doravante referida como SF.

presentes no texto, ao passo que nos três Ss de (1) somente a SF é visível no fragmento (ex. "hissed... mystery", mas *não* "missed... hystory"). Como será sugerido abaixo, algumas vezes (parte da) SF, e não a SI, pode permanecer materialmente ausente do texto.

Em termos de nossa regra de reescritura, os dois exemplos (1) e (2) podem ser descritos como segue:

(1a) [m | ist]... [h | istəri] → [h | ist]... [m | istəri]

1 2 3 4 → 3 2 1 4

[w | eistəd]... [t | lə: mz] → [t | eistəd]... [w | lə: mz]

1 2 3 4 → 3 2 1 4

[d | aʊn | t | rein] → [t | aʊn | d | rein]

1 2 3 4 → 3 2 1 4

(2a) [sm | a:t | f | elə] → [f | a:t | sm | elə]

1 2 3 4 → 3 2 1 4

O padrão 1 2 3 4 → 3 2 1 4 aplica-se a mais de 80% dos Ss intencionais de minha coleta. Curiosamente, uma vez que o quarto (e último) som tende a permanecer no lugar, em todos os casos onde esta ordem se aplica também há **rima**. Em muitos casos a rima não se realiza, por exemplo, quando a SF constitui o enunciado. Entretanto, mesmo se a SI e a SF estiverem materialmente presentes no texto, a rima certamente deve ser considerada como um traço accidental, sendo um resultado inevitável da operação de um *outro* princípio. Ao mesmo tempo, é perfeitamente possível que tal traço concomitante seja adotado como um princípio em si e seja elevado a categoria de restrição legítima em variedades mais intrincadas do jogo. Um exemplo marcante disto é uso do S como uma técnica de formação de dísticos: ver seção 3.2. abaixo.

Outros tipos de transposição – por exemplo 1 2 3 4 → 1 4 3 2⁷ ou 1 2 3 4 → 4 2 3 1⁸ – existem, mas parecem ser bem mais raros. Em termos do

⁷ Um bom exemplo poderia ser *occupying* [my]pew → *occupewig* [my]pie (Huxley 1944:91), com a palavra *my* como um elemento claramente interveniente. Numa apresentação mais formal:

[ɔkju | pai | iŋ] ([mai]) [pju:] → [ɔkju | pju: | iŋ] ([mai]) [pai]
1 2 3 4 → 1 4 3 2

⁸ Ilustrado por *Perlenk[ette]* → *Kerl im B[ette]* (Zimmer 1981:45), cuja descrição é a que segue:

[p | ɛrl | ɛn | k(ɛtə)] → [k | ɛrl | im | b(ɛtə)]
1 2 3 4 → 4 2 3 1

componente fonético da regra do jogo, pode-se dizer que eles representam um desvio da situação padrão. Por outro lado, os casos que mostram um desses padrões de variação geralmente se conformam melhor ao componente não fonético da regra. Neste aspecto não fonético da formação do S é que se concentra a seção seguinte.

1.3 - Além da Fonética: a Boa Formação como uma Restrição

As regras que geram o S não se reduzem somente à transposição de sons, mas também têm uma dimensão sintática e léxico-semântica. Isto se manifesta mais claramente na marcada preferência por **palavras legítimas** tanto na SI quanto na SF, isto é, palavras que são, pelo menos, possíveis na língua, se não itens lexicais realmente existentes. Além disso, estas palavras geralmente ocorrem em construções sintática e semanticamente bem formadas. Por outro lado, meros lapsos freqüentemente resultam em palavras não existentes – p.ex. *Tassenmescher* no exemplo (1) – que dificilmente farão sentido. Curiosamente esta tendência foi atestada na pesquisa experimental:

uma análise de 1723 erros [*genuínos*, G.T.] no *corpus* da UCLA (antecipações, persistências, reversões ou substituições) revelou que 60% dos erros resultaram em palavras não existentes. (Fromkin, 1980:6)

Por outro lado, quando os Ss são elicitados por meio de certas técnicas experimentais, parece que

os erros que resultam em itens lexicais reais... ocorreram com muito mais freqüência do que os erros nos quais o par resultante seria um par sem sentido... Isto ocorreu, entretanto, somente quando os pares de estímulo eram todos pares de palavras do léxico real. (ibid)

Desnecessário dizer que qualquer técnica de eliciação realiza pelo menos algumas das condições que no: permite considerar as respostas como exemplos de jogo de linguagem, mesmo se houver alguma justificativa para apresentá-los como lapsos.

A conformação a essas novas restrições – a preferência por palavras legítimas e por construções bem formadas – pode forçar o criador de um S a designar uma estrutura na qual o material intermediário inevitavelmente cria uma certa distância textual entre os segmentos que estão diretamente envolvidos na transposição (e as palavras das quais eles fazem parte). Entretanto, a proximidade nunca foi apresentada como parte de uma regra e, tal como a rima, que pode ocorrer no S (ver 1.2 acima), ela

é considerada, antes, como um tipo de efeito colateral ou subproduto. Isto não significa negar que, tal como a rima accidental, a possibilidade de estender todo o conjunto de regras a segmentos mais longos do texto possa ser usada intencionalmente ou mesmo elevada a uma genuína restrição sobre variedades específicas do jogo (ver 3.2 abaixo).

2 - S e Humor

2.1 - Graus de Sofisticação

A superposição dos requisitos léxico-semânticos e sintáticos no princípio básico da metátese fonológica parece um resultado quase inevitável do principal propósito comunicativo de um S jocoso, que é o de produzir efeitos humorísticos. A pesquisa (tanto especulativa quanto empírica) das relações entre a complexidade das regras subjacentes ao jogo de palavras e o grau de refinamento do humor resultante deixa muito a desejar. Entretanto, parece seguro presumir que os dois estão realmente correlacionados e que, numa cultura que favorece o trocadilho, intrincados jogos de palavras tendem a ser mais bem sucedidos como jogos de linguagem do que aqueles menos refinados.

Não é de admirar que a natureza multidimensional das regras de derivação dos Ss intencionais tem preferência sobre a unidimensionalidade dos Ss que imitam mais fielmente os princípios do *lapsus linguae*, por exemplo onde as SFs resultantes *não* constituem uma entidade lingüística legítima. Consideremos o caso seguinte, tirado de um monólogo cômico em hebraico, cujo objetivo é fazer os ouvintes rir em intervalos freqüentes, e que nada acrescenta em termos de valor:

(4) *švurit zxuxá*

A SI pode ser facilmente reconstruída como *zxuxít švurá*, que significa “vidro quebrado”. Quanto à SF, *švurit*, esta também poderia ter algo a ver com “quebrar”, se a forma existisse na língua. Assim, mesmo sendo uma palavra *possível* do hebraico, seu significado potencial é, no mínimo, obscuro. A segunda palavra da SF, *zxuxá*, é uma palavra (bastante rara) em hebraico, que jamais apareceria numa colocação com *švurit*. Mais difícil, ainda, seria atribuir um sentido específico a uma colocação tão improvável. Além disso, a expressão que constitui a SI, *sxuxít švurá*, não está segmentada de modo a ser reconhecida como natural por um falante de hebraico. Uma segmentação mais natural teria produzido uma SF como *šxuxit zvura* ou *švuxít zvurá* ou *svuxít zxurá*, mas isto tampouco seria satisfatoriamente explicitado.

Certamente, (4) está acompanhado de outros Ss ainda menos refinados. Alguns deles envolvem topônimos como a SI ausente mas facilmente resgatável, e palavras “nonce-words”⁹ como as SFs materialmente presentes:

(5) [*párdes xána*] *xárdes pána*

(6) [*párdes kátz*] *kárdes pátz*

O efeito acumulado de todos estes exemplos quase não chega a ridicularizar o personagem fictício encarnado pelo ator narrador; isto não é realmente um humor refinado em nenhuma circunstância.

2.2 - Fontes de Humor

Até certo ponto, sem dúvida, o humor reside na própria SF e deriva da maneira pela qual a SF se desvia do padrão verbal aceito, em termos de constituintes, colocação e/ou grau de familiaridade.

Portanto, sintagmas como *fart smeller* em (2) ou *taste worms* em (1) são, por assim dizer, “engraçados” em si mesmos, isto é, independentemente do contexto em que possam ocorrer, e também sua possível identificação como casos de Ss. O mesmo vale para casos como *švurit zxuxá* (4), daí esperar-se que a audiência do monólogo ria ao ouvi-lo pela primeira vez. Por outro lado, uma expressão como *Town Drain* em (1), em si bastante neutra, não atrairia atenção especial. Ela só poderia chamar a atenção do leitor, e produzir humor, por estar inserida num contexto específico. Neste caso, *Town Drain* é apresentada de forma cômica como o escoadouro da evacuação humana.

A presença de colocações com desvios ou de contextos irregulares, de modo algum esgota o potencial de humor de um S. Para a apreciação de todo o leque de efeitos humorísticos – na realidade para uma decodificação completa de um exemplo de S como uma mensagem multifuncional sincrética – o S deve ser identificado como um jogo. Na verdade, a mera identificação do jogo como tal não é suficiente. Em vez disso, o leitor ou ouvinte deve deduzir as regras que geraram a SF e, no caso de esta estar materialmente ausente do texto, ele terá que aplicá-la inversamente para construir uma SI. A propósito, a satisfação que obtemos dessa operação intelectual ajuda a explicar por que mesmo casos como *xárdes pána* (5) ou *kárdes pátz* (6) podem produzir pouco efeito cômico.

Uma vez identificado o S como tal, o conjunto de regras subjacentes inferidas, e (se necessário) a SI reconstruída, mesmo nos casos

⁹ Palavras criadas deliberadamente, e uma única vez, para um determinado propósito, normalmente formadas por processos sintáticos reconhecidos pelas normas da língua. (N do T).

mais intrincados, uma nova e completa compreensão da SF torna-se possível ou é exigida, ou seja, uma interpretação que coloca a SF contra o pano de fundo da SI (reconstruída), jogando uma contra a outra. Dessa maneira, por exemplo, tanto *fart smeller* quanto *smart feller* constituem grande parte da carga funcional de (2). A esse respeito, pouca coisa teria mudado se *smart feller* não estivesse explicitamente presente no texto: tanto *in presentia* como *in absentia*, ele constitui uma parte importante da mensagem total. A ocorrência da SI próxima da SF obviamente torna mais fácil para o leitor perceber o jogo e inferir as regras, mas não muda nada na essência, exceto, talvez, por tornar o jogo em si menos elaborado, o que, com certeza, se reflete na fala do personagem fictício, e não na do autor do romance, ou do narrador.

Em vista da necessidade de reconstruir a SI, o caráter específico das regras de derivação e suas aplicações restritivas (seções 1.2 e 1.3 acima) fazem muito sentido. Na verdade, extrair as regras e aplicá-las de trás para diante para chegar à SI é um procedimento que necessita de algum aprendizado, mas é relativamente simples de dominar.

3 - Algumas Variantes de S, ou Além do Jogo de Palavras como Tal

3.1 - Mais Dois Exemplos: “Contrepèterie” e Charada

Na maioria dos casos de S, a SI pode ser mais ou menos fácil de ser reconstruída, mas ainda estará fisicamente ausente do texto. Nesse caso, o jogo intencional não se distanciou realmente do *lapsus linguae* que subjaz a ele. Entretanto, como pudemos ver, também há casos onde tanto a SI quanto a SF ocorrem no texto, como parceiros na construção da mensagem total. A *contrepèterie* seguinte (a versão francesa do S) pode servir como outra ilustração; é um exemplo clássico tirado do capítulo XXI do *Pantagruel* de Rabelais:

(7) – Mais, (dist il), equivocquez sur “A Beaumont le Viconte.”

– Je ne scauroys, dist elle.

– C’est, (dist il), “A beau con le vit monte.”

(Literalmente: Mas, diz ele, produza um trocadilho sobre “To Beaumont the viscount.” – Não poderia, diz ela. – Ele diz, seria “for beautiful cunt the cock rises.”) (Em português: “para uma bela vagina o pênis levanta).)

A primeira vista, esse exemplo parece envolver um desvio grosseiro da regra de transposição básica. Entretanto, isto só acontece se cada um dos enunciados for dividido em 6 elementos (A + beau + mont + le + Vi + conte), onde a fórmula parece ser 1 2 3 4 5 6 → 1 2 6 4 5 3. Mas, se a SI e a

SF forem divididas em somente 4 elementos (A beau + mont + le Vi + conte), o desvio desaparece e o padrão dominante de 1 4 3 2 surge na SF, em total conformidade com a regra.

De qualquer maneira, em casos como esse, o humor sem dúvida leva a melhor. O mesmo acontece com charadas como a que segue, onde são adotados os mesmos princípios básicos:

(8) “What’s the difference between a mouse and a young lady?” – One wishes to *harm* the *cheese*, the other to *charm* the *he’s*.” (Ferguson 1985:7)

3.2 - Schüttelreim

Em todos os casos tratados, o que há de comum é que os Ss ocorrem como manipulações “locais” do uso da língua. O próximo passo implicaria elevar este jogo a um princípio organizador de uma entidade textual maior, se não de um texto inteiro. Isto exigiria não só a presença da SI e da SF, mas também a sua combinação numa unidade textual de tipo reconhecido, por exemplo, um dístico.

Pares de versos spoonerísticos podem ocorrer esporadicamente em praticamente qualquer literatura. É, entretanto, na literatura alemã que o uso do S como um meio formador de dísticos tornou-se uma verdadeira institucionalização, transformando o que era inicialmente um aspecto accidental ou ocasional do texto, numa forma literária convencional reconhecida. Ela recebeu, na realidade, um nome especial, ou seja, **Schüttelreim** (ver, por ex. Liede, 1963: 112-15).¹⁰ A seguir, dois exemplos:

(9) Ich musste heute *leider klagen*,
weil ringsherum die *Kleider lagen*. (Palm-Nesselmanns 1960:11)
(Literalmente: Hoje, infelizmente, eu tive que me queixar /Porque as roupas estavam espalhadas por toda a parte)

(10) Was sollen uns die *Bowlen hier*?
Wir wollen und wir *holen Bier*. (ibid:21)
(Literalmente: Para que precisamos estas taças com frutas? / Queremos e vamos tomar cerveja)

Um *Schüttelreim* é, portanto, bem mais do que o mero encaixe de um caso de S num segmento maior do texto (o que, na realidade, nunca deixa de ser). Na verdade, ele envolve a ampliação das regras de derivação

¹⁰ A nomeação é, sem dúvida, um importante indicação da institucionalização, muito embora não seja absolutamente necessária para a existência de uma instituição dentro de uma cultura.

sobre um segmento textual predefinido, bem como sua projeção sobre posições fixas dentro desse segmento, ou seja, a parte final dos dois versos que constituem o dístico. Claramente, a rima (seção 1.2) aqui não é mais um aspecto accidental, mas uma verdadeira restrição à geração de textos de um tipo particular; por isso mesmo, nenhum texto será um exemplo bem formado dessa categoria se não houver rima. Dada a rigorosa exigência da rima, a ordem 1 2 3 4 → 3 2 1 4 parece ter aplicação bem maior do que apenas aos Ss, não raro até quase a totalidade dos mesmos.

Os dísticos spoonerísticos podem ainda encadear-se para formar textos mais longos, as vezes de até dezenas de *Schüttelreime* enfileirados. Aqui está um exemplo de 12 linhas:

(11) *Mitologia*

Kaum daß des Morgens *Schleier weicht*,
Aktäon sich zum *Weiher schleicht*,
Daß er, der Lust zu *frönen, schau*
Den Leib der göttlich *schönen Frau*
Dianen, schon zum *Bade backt*,
Die Wut gleich 'ner *Mänade packt*,
Als sie den allzu *Kecken dann*
Tief im Gebüsch *entdecken kann*.
Sie hat na ihm nicht *wirsch gehandelt*:
Ihn erst in einen *Hirsch verwandelt*,
Und dann, in ihrem *letzen Hassen*,
Von seinen Hunden *hetzen lassen*.

(Roth, 1977:704)

Seguidamente diz-se que (p.ex. Zimmer, 1918:44-45) num *Schüttelreim* bem sucedido, o primeiro membro do par é uma expressão simples e previsível, enquanto o segundo, às vezes chamado de “*réponse*”, envolve, ou pelo menos deveria envolver, uma certa surpresa. Contudo, ao estabelecer-se o uso do S como norma de um poema, talvez de todo um ciclo de poemas, o potencial de surpresa diminui consideravelmente. Em primeiro lugar, a “*réponse*” passa a ser, invariavelmente, esperada, já que coloca um obstáculo para se alcançar um efeito de surpresa. Em segundo lugar, quantas maneiras de gerar rimas spoonerísticas (semântica, gramatical e sintaticamente) bem formadas pode haver, dada a rigidez com que as regras do jogo devem ser aplicadas? Na realidade, quase que se poderia dizer que a diferença entre tratar-se de uma SI ou de uma SF tornou-se, agora, uma questão puramente técnica, ou seja, uma função da ordem em que as duas possam aparecer no texto. Desnecessário dizer que

isto tende a invalidar a idéia de uma construção cuidadosamente planejada, na qual a frase da SI (a expressão previsível) deve abrir caminho para a “surpresa” alcançada pela SF ou “*réponse*”.

Os requisitos prosódicos e as funções semânticas de um *Schüttelreim*, como uma entidade textual relativamente auto-suficiente, sem dúvida moderam o efeito jocoso do S simples que ele incorpora; muito mais em razão do material intermediário que separa a SI da SF. O humor, porém, parece nunca desaparecer completamente, mesmo quando for reduzido a uma função secundária, de modo que tentar compor um *Schüttelreim* sério deve ser uma tarefa verdadeiramente hercúlea. Na realidade, não importa o quanto o escritor tente ou pense que tenha tido sucesso, sempre haverá a possibilidade de o leitor ainda considerar o resultado humorístico, condicionado que está pela tradição na qual foi criado.¹¹

4 - A (in)traduzibilidade de um S

As regras que geram exemplos de Ss ou *contrepèterie* – ou mesmo *Schüttelreim* – baseiam-se numa série de traços lingüísticos que parecem universais: a noção de *som*, posição *inicial* versus *final*, *metátese*, *invariância* e *transformação* (bem como *invariância sob transformação*), *boa formação gramatical e semântica*, etc. Conseqüentemente, não se deve considerar que este tipo de manipulação fique confinado, em princípio, a uma língua em particular; o mecanismo que gera o S não é menos universal do que aquele que gera (digamos) metáforas ou frases (quase) sinônimas.

Ao mesmo tempo, pode haver, e freqüentemente há, uma considerável diferença quanto ao grau de habitualidade ou convencionalidade dos Ss e suas variantes no repertório de uma cultura. Assim, há culturas que elevaram o S a um *status* institucionalizado, ao passo que em outras culturas o S intencional ocorrerá muito raramente, se ocorrer. A diferença, entretanto, tem sua origem fora das estruturas da língua e da produção do texto como tal. Reduzindo ou aumentando a taxa de **aceitabilidade** da substituição de um S da língua-fonte por um na língua-alvo, esta questão não se prende à possibilidade “técnica” em si de “adotar o jogo de palavras”, seja em que língua for. Simplesmente, os Ss são transparentes, o suficiente, para se promover e expor suas regras

¹¹ *Schüttelreime* foram algumas vezes publicados junto com poemas pentassílabos jocosos (p.ex. o *Ins Schwarze* de 1968), que é uma prova a mais do firme elo entre *Schüttelreime* e humor na cultura alemã.

subjacentes, as quais podem ser, então, (re)ativadas – da maneira resumida na seção 2.2 – mesmo num ambiente cultural onde nunca tenha se adotado o jogo de palavras.

Portanto, não há nada no jogo e em suas regras subjacentes que pudesse tornar intraduzíveis exemplos de Ss, uma vez levados em conta o fator cultural do *status* convencional e aceitabilidade do jogo. Com isto não se nega, entretanto, que, quando se trata de traduzir uma *caso particular* de S da língua A, haja fatos, além daqueles associados ao hábito de uso desse jogo, que possam reduzir o potencial de retenção das características do S, traduzido para uma determinada língua B, apesar da universalidade das regras do jogo. O mais importante, dentre as restrições adicionais, parece estar ligado a dois parâmetros:

- até que ponto traços das expressões que constituem a SI e a SF originais são *específicos da língua*;
- a *importância* relativa dos aspectos das SIs e SFs (se fisicamente presentes ou não) para a mensagem total transmitida pelo S (ou pelo enunciado maior no qual está inserido); em outras palavras, sua importância dentro da interseção de todo o sistema de relações textuais no S e o correspondente conjunto hierárquico das funções.

Estes dois conjuntos de considerações, entretanto, têm muito pouco a ver com as particularidades do S enquanto S. Eles simplesmente representam uma versão diferente e mais específica de algumas das leis mais básicas de traduzibilidade, com especial ênfase na que define a traduzibilidade como uma operação inversamente proporcional à quantidade de informação manifestada por um elemento lingüístico-textual, e ao grau em que esta informação se estrutura num texto (van den Broeck, 1981:84, seguindo Even-Zohar, 1971). Certamente já se tornou um hábito presumir que a traduzibilidade é uma noção que apresenta *graus*, e não uma questão de *ou/ou*, aí incluindo-se os jogos de palavras (ver p.ex. Delabastita, 1994).

5 - O Comportamento de Exemplos de S ao Serem Traduzidos

5.1 - Traduzibilidade e Tradução

Qualquer que seja o grau inicial de traduzibilidade de um S para uma determinada língua de chegada, esse fator não é a única, e nem a mais forte, restrição na maneira na qual ele será tratado. Afinal, diferente da traduzibilidade, a tradução serve para preencher certas necessidades estabelecidas na e pela **cultura de chegada**, e se desenvolve de modo a

melhor servir os objetivos daquela cultura. Na realidade, é a cultura receptora que determina até que ponto um texto-fonte se relacionará à formação e formulação de sua tradução na língua de chegada, ou até que ponto a traduzibilidade potencial do texto-fonte se realizará em outra língua (Toury, 1995:12). Portanto, em qualquer enunciado da língua-fonte, diferentes tipos de operações tradutórias podem ser executados, resultando em várias traduções diferentes, onde cada uma recodifica, na língua-alvo, *somente parte* do potencial inicial de traduzibilidade desse enunciado naquela, e uma *parte diferente*.

Uma maneira eficaz de estabelecer os diferentes tipos de comportamento de um item que está sendo traduzido, cada um realizando parte do seu potencial de traduzibilidade, é comparar as várias traduções desse item, preferencialmente para uma e mesma língua, ou então (sujeito a certas correções necessárias) para línguas diferentes (p.ex., Reiß 1981; Toury, 1995:72-74). Este tipo de análise comparativa permite que o pesquisador note diferenças e semelhanças, podendo então tentar relacionar seus achados às restrições às quais cada tradutor parecer ter se sujeitado, especialmente as culturais e intersubjetivas, que passaram a ser conhecidas como **normas** de tradução (mais recentemente Toury, 1995:53-69). Infelizmente tal procedimento de pesquisa coloca certas dificuldades no caso presente, uma vez que não é tão fácil encontrar exemplos de Ss genuínos em mais de uma tradução (ver, entretanto, Zimmer, 1981: 44 ff).

Meu exame vai começar, portanto, na seção seguinte (5.2), retomando novamente o exemplo de *Tassenmescher-Taschenmesser* (3). Certamente, vou considerar este exemplo como um lapsus linguae involuntário, mas uma **citação** voluntária de tal lapso num texto científico (que foi o que, sem dúvida, *Zur Psychopathologie des Alltagslebens* de Freud pretendeu ser) com todos os objetivos decorrentes do seu *status* de citação. Esse exemplo oferece um ponto de partida adequado à nossa próxima discussão, não somente por haver várias traduções dos textos de Freud, mas também pela impossibilidade de qualquer intento cômico poder aumentar o seu grau de traduzibilidade inicial para qualquer língua. Realmente, como foi dito na seção 4, um elemento lingüístico-textual será mais traduzível se não contiver muita informação estruturada de forma complexa. No caso do relatório científico de Freud, o tipo de informação ligada à criação de humor será simplesmente neutralizado, de modo que sua retenção não constitui mais um problema real. Um maior grau de traduzibilidade certamente será benéfico para a nossa discussão, pois nos permite ver mais claramente o funcionamento de alguns dos *outros*

mecanismos que ocorrem na tradução de Ss. No entanto, é interessante enfatizar que essa maior traduzibilidade, de modo algum, reduz a diferença ontológica entre o potencial inicial e o comportamento real, tão importante para a minha linha de argumentação. Vai parecer, como se poderia esperar, que diferentes tradutores de Freud, aceitando diferentes conjuntos de normas, posicionaram seus textos em diferentes pontos do espectro das “possíveis” traduções.

5.2 - A Tradução do *Lapsus Linguae* “Tassenmescher”, de Freud

Para a tradução de um texto científico que contenha um enunciado do tipo S como (3), é possível imaginar dois métodos de tradução diametralmente opostos, os quais proponho chamar, de início, de **científico** e **comunicativo**. Essas opções representam, respectivamente, a orientação *formal* e a *funcional*, as quais já distingui antes, numa discussão sobre relações tradutórias. (Tourey, 1980:94-99). Os termos *científico* e *comunicativo* refletem os diferentes objetivos a que tais métodos de tradução devem servir. Assim, uma abordagem “científica” do nosso enunciado daria grande importância à **autenticidade** do lapso citado, como uma ocorrência no mundo real, podendo tornar o texto (ou parte dele) ininteligível ao leitor médio da língua-alvo. No enfoque “comunicativo”, por outro lado, seria dada prioridade à **inteligibilidade** total do texto-alvo por parte de um leitor monolíngüe. Da mesma maneira, o tradutor estaria disposto a pagar o preço de ter que introduzir um *lapsus linguae* não autêntico, beirando a pura invenção, usando, enquanto possível mas não necessariamente, mais ou menos os mesmos princípios subjacentes ao erro original.

A tradução para o hebraico, de Zvi Voyslavski mostra o enfoque “científico” em sua forma mais pura. Ele simplesmente cita as palavras da paciente, não traduzidas (alemão) e inseridas num co-texto na língua -alvo (hebraico), combinando, portanto, o máximo de autenticidade com um nível apenas básico de inteligibilidade (para os leitores que não falam alemão):

(3a) *Ich klappe zusammen wie ein Tassenmescher* [Al.], bimkom [Heb.] Taschenmesser [Al.], omeret xola axat bi-txilat bikurah etsli bis'at avodati... [Heb.] (Freud 1942:64; meus parêntesis)

O outro extremo, a tradução “comunicativa” é exemplificado pela antiga tradução do estudo de Freud para o inglês, por Brill:

(3b) “I *sut* up like a pocket-knife,” disse uma paciente no início do tratamento, em vez de “I *shut* up.” (Freud, 1938:56)

A diferença entre essas duas abordagens parece refletir uma incompatibilidade básica entre as duas culturas receptoras e as normas de tradução que cada uma delas suscitou. Assim, Voyslavski deve ter prosseguido na sua suposição (parcialmente justificada) de que seus educados leitores de hebraico seriam capazes de identificar pelo menos os *princípios básicos* do *lapsus linguae* original (ao qual havia dado primazia, em seu enfoque “científico” da tradução de todo o livro), mesmo que nem todos fossem capazes de seguir sua *redação* exata. Por outro lado, Brill decidiu, por assim dizer, não dar nenhum tratamento direto ao lapso citado, o que criou de saída tantos problemas. Em vez disso, ele tomou o enunciado que havia servido como SI do lapso (“Ich klappe zusammen wie ein *Taschenmesser*”), traduziu-o como se ocorresse na situação dada, tomou o substituto em inglês – *shut up* – do verbo em alemão e aplicou a ele a mesma transposição de som [ʃ] → [s] como a que ocorreu entre as palavras originais *Taschenmesser* → *Tassenmescher*. Isto foi feito numa tentativa óbvia de estabelecer **coerência** dentro do próprio texto traduzido, tornando sua compreensão tão fácil quanto possível – o que não é senão outra faceta da orientação “comunicativa” geral de Brill. Na realidade, seguindo o texto de Freud, a mesma transposição ocorre de novo imediatamente, desta vez na justificativa dada pelo paciente:

(3'b) “Sim, isto aconteceu porque você disse “*earnesh*” em vez de “*earnest*.” (ibid)

Felizmente para Brill, *earnest* em inglês e *ernst* em alemão são semelhantes fonética e semanticamente. Conseqüentemente, o *earnesh* não autêntico do tradutor não é tão arbitrário quanto seu *sut*.

Não é de surpreender que, na sua versão da justificativa do paciente, o tradutor de hebraico novamente tenha preferido a autenticidade à inteligibilidade. Aqui também ele encaixa uma palavra alemã numa sentença em hebraico. Desta vez foi acrescentada (entre parêntesis) uma explicação que também é bilíngüe:

(3'a) “ken, kol ze ba rak mi-sum se-adoni amar-yomb [Heb.] *Ernscht* [Al.]” (ha-rofe amar [Heb.]: *Heute wird es also ernst* [Al.]). (Freud 1942:64)

É importante notar que o tradutor – confiando na cultura do leitor ou simplesmente desprezando a inteligibilidade total – nem se preocupou em especificar o que significa em alemão *ernst* ou *Heute wird es also ernst*.

Obviamente, um método combinado não é simplesmente outra possibilidade, mas com toda a certeza – aquele ao qual os tradutores recorrerão mais prontamente, neste e em outros casos. Qualquer abordagem

onde haja alguma concordância entre precisão “científica” e disponibilidade “comunicativa” para o leitor, pertenceria a essa categoria. Um exemplo típico disto seria a incorporação ao texto traduzido do lapso da língua-fonte como um elemento estranho, mas seguido de certa explicação, na língua-alvo, entre parênteses, numa nota de rodapé, ou de outra forma qualquer. Esse caminho intermediário entre duas variantes distintas foi tomado por S. Jankélévitch na sua tradução para o francês (3c) e por Alan Tyson na nova versão em inglês do livro (3d), que faz parte da *Standard Edition of the Complete Psychological Works* de Sigmund Freud:

(3c) “Je me replie comme un couteau de poche” (...wie ein Taschenmesser), veut me dire une malade au commencement de la séance de traitement. Seulement, au lieu de *Taschenmesser*, elle prononce *Tassenmescher*. (Freud, n.d.:71)

(3d) “Eu me calo como uma *Tassenmescher* [palavra inexistente] – digo, *Taschenmesser* [faca de bolso],” disse uma paciente no início da consulta. (Freud, 1960:62)

Há, obviamente, a possibilidade de que a diferença básica entre as abordagens exemplificadas pelas duas soluções em inglês (3d) versus (3b) – entre as quais há uma diferença de quase cinquenta anos – represente muito mais uma mudança de normas de tradução científica naquela cultura do que uma variante individual. No entanto, é necessário um volume bem maior de pesquisa antes de que possamos levantar uma hipótese tão ampla (Toury, 1995:38-39).

5.3 - A Tradução do S “*Fart Smeller*” de Richler

Voltemos agora ao exemplo em que o S faz parte um texto não-científico. Neste exemplo, a questão da autenticidade provavelmente perde terreno, ao passo que o efeito cômico – seja ele preponderante ou de caráter secundário – surge como parte da intenção comunicativa de forma que a sua reprodução se dê a partir de uma das restrições com as quais o tradutor pode querer trabalhar. Portanto, quando tal texto é traduzido, deve-se esperar uma variedade de soluções ainda maior do que as que discutimos até agora. (Ver p. ex. os possíveis “modos de tradução de jogos de palavras” sistematizados por Delabastita, 1987:148)

Aqui também, é claro, as duas alternativas extremas discutidas em 5.2 podem estar presentes. No entanto, é verdade que nesse caso pode-se hesitar na hora de usar o rótulo **científica** para designar a cópia direta do material da língua-fonte, ou sua transferência para um texto da língua-alvo

através da transliteração, mas isto não passa de uma questão de terminologia. De qualquer forma, parece mais certo presumirmos que, sob condições normais, os tradutores tenderão a optar por uma das possíveis abordagens **comunicativas**. Este tipo de escolha provavelmente resulta, antes de mais nada, da decisão inicial de produzir um texto sem marcas da língua-alvo.

Dentre as opções “comunicativas”, uma das mais proeminentes pode muito bem ser a substituição de um jogo de linguagem não spoonerístico diferente pelo spoonerismo original. Este fato, no entanto, não deve ser tomado como uma “prova” direta da dita baixa taxa de traduzibilidade do S substituído. Ao contrário, o que isto prova, acima de tudo, é o caráter da tradução como um processo de **tomada de decisão** juntamente com o princípio de que “tudo tem seu preço” (Toury 1992). No caso hipotético em questão, a retenção (de uma parte considerável) da *função* do jogo original como um elemento constitutivo de um texto teria sido preferível à retenção de sua identidade formal como um S e, muito mais, a retenção da substância lingüística que constitui a representação de superfície das expressões da SI e da SF do S original.

A abordagem oposta, que implicaria atribuir grande importância à *redação* das expressões da SI e da SF, e traduzi-las ao pé da letra, é igualmente possível no caso de um texto não científico também. Além disso, não há nada de mal na adoção de tal estratégia. Na verdade, este tipo de solução se assemelha a qualquer outra que manifesta uma abordagem reducionista da tarefa do tradutor, na medida em que fornece uma saída (mais ou menos elegante) para as dificuldades causadas pela multifuncionalidade de um elemento constitutivo do texto-fonte. Obviamente, qualquer tentativa de aumentar a traduzibilidade de tal elemento dentro do seu contexto verbal imediato requer uma redução do número de funções que seriam levadas em consideração no processo tradutório; somente em cada caso, a simplificação necessária das relações lingüístico-textuais, que se cruzam naquele elemento, se realiza de forma diferente, pois a precedência tende a ser dada a um subconjunto diferente de funções trazidas pelo elemento original.

Vejamos, agora, a tradução hebraica do trecho (2), citado acima, do romance canadense de Richler:

(2a) “kše-hayiti yeled, haya lexa kišron le-hatsxik oti...”

“Ki-xen, ata kvar lo yeled,” amar mar Herš, bi-mevuxa, “ve-hava nakir ba-uvda, hitbarer še-ata lo kol-kax *barnats mušlax*. Barnaš mutslax, ratsiti lomar.” (Richler, 1980:89)

Barnats é uma palavra que não existe em hebraico, e *barnats mušlax* uma expressão que não existe. Assim, não se pode atribuir a elas nenhum significado real, tampouco representar *fart smeller* como parte da mensagem do original. Por outro lado, *barnats mušlax* é apenas levemente engraçada (pelas razões discutidas em 2.2 acima), tampouco constitui propriamente um S. Ao mesmo tempo, está claro que o tradutor considerou como prioridade máxima que algum tipo de jogo fosse aplicado a uma possível substituição hebraica da expressão da SI *smart feller*, ou seja, *narnaš mutslax*.

Como na versão hebraica, a tradução francesa também inclui um trocadilho sofrível (*malin/molard*). Esse trocadilho é baseado em uma possível tradução de *smart feller* (ou seja, *un gros malin*), enquanto (*un gros*) *molard* é uma gíria de adolescentes para “large lump of spittle or sputum”:

(2b) “– Quand j’étais gosse, tu avais le don de me faire rire...”

“– Eh bien, tu n’est plus un gosse, dit Mr Hersh, ahuri.” “Et regardons les choses en face, tu n’es pas non plus *un gros molard*, je veux dire, *un gros malin*.” (Richler, 1976:89)

A solução francesa está realmente próxima de um *lapsus linguae*, mas ainda é um jogo de linguagem. Curiosamente, muito embora a literatura francesa conheça a *contrepèterie* como uma entidade estabelecida (ver 3.1 acima) que teria tornado uma substituição por um S muito mais aceitável do que em hebraico (ver 4 acima), a solução francesa (2b) incorpora um número ainda menor de traços de um S do que a hebraica. Essa situação um tanto surpreendente é uma clara evidência de que uma tomada de decisão esteve envolvido.

Tal prática – que implica dar prioridade a uma tradução à primeira vista da expressão da SI (aqui: *smart feller* → *gros malin*) – pode, às vezes, ser justificada, do ponto de vista do próprio texto-fonte. Esse é tipicamente o caso, quando a **função referencial** do enunciado da SI se sobressai entre uma gama de funções preenchidas pelo S; em outras palavras, quando o enunciado da SI do texto-fonte se refere a alguma entidade que não pode ser obliterada ou substituída sem causar um dano real à coerência e continuidade lógica do texto.

É importantíssimo lembrar, porém, que tal justificativa (orientada para a fonte) não é de modo algum necessária para que ocorra um verdadeiro ato de tradução. A esse respeito, o S não é diferente de qualquer outro tipo de elemento lingüístico-textual: nem a obediência a norma inicial de adequação (a exigência de que as relações textuais de um texto de uma

língua-fonte sejam reconstruídas através dos meios da língua-alvo), ou algum desvio da mesma, deve ser visto como algo normal (Toury, 1995:56-57). Tanto a obediência bem como a não obediência a norma inicial sempre devem ser levadas em consideração para cada caso específico. Isso só pode ser feito dentro de uma estrutura não normativa, ou seja, aquela que trata as traduções como realmente são, bem como os processos que as geram. Esse parece um processo bem mais produtivo do que somente lamentar o fato de que as traduções não são o que “deveriam ser”, e o que elas “poderiam ser” não é o que “deveriam ter sido”, de acordo com alguma noção pré-concebida de tradução, direcionada à proteção dos “direitos legítimos” do texto-fonte. Em outras palavras, em vez de tratar a traduzibilidade como um **potencial** estático, parece mais útil tratar a tradução como uma **atividade**, realizada por jogadores individuais dentro de um ambiente sociocultural e, largamente condicionada por esse ambiente.

Referências

- DELABASTITA, DIRK (1987). Translating Puns. Possibilities and Restraints, *New Comparison* 3: 143-59.
- DELABASTITA, DIRK (1994). Focus on the Pun: Wordplay as a Special Problem in Translation Studies, *Target* 6(2): 223-43.
- EVEN-ZOHAR, ITAMAR (1971). *Mavo le-te'orya šel há-tirgum há-sifrut* (introduction to a Theory of Literary Translation). Unpublished PhD thesis, Tel Aviv University.
- FERGUSON, JOHN (1985). Of Spooner, Spoonerism and Other Matters, *Verbatim* 11(4): 7-8.
- FREUD, SIGMUND (1938, 1914). *Psychopathology of Everyday Life*, trans. A.A. Brill, Harmondsworth: Penguin.
- FREUD, SIGMUND (1941, 1901). *Zur Psychopathologie des alltagslebens* (*Gesammelte Werke, chronologisch geordnet IV*), London: Imago.
- FREUD, SIGMUND (1942). *Psychopathologiya šel xayé yom-yom*, trans. Zvi Voyslavski, Tel Aviv: Massada.
- FREUD, SIGMUND (1960). *The Psychopathology of Everyday Life*, trans. Alan Tyson (The Standard Edition of the Complete Psychological Works of Sigmund Freud VI), London: The Hogarth Press.
- FREUD, SIGMUND (n.d.). *Psychopathologie de la vie quotidienne*, trans. S. Jankélévitch, Paris: Petite Bibliothèque Payot.

- FROMKIN, VICTORIA A. (1980). Introduction, in: VICTORIA A. FROMKIN (ed) *Errors in Linguistic Performance. Slips of the Tongue, Ear, Pen, and Hand*, New York, etc.: Academic Press, 1-12.
- HUXLEY, JULIAN (1944). Doctor Spooner: The Growth of a Legend, in: *On Living in a Revolution*, London: CHATTO & WINDUS. First published in *The Listener*, 31.12.1942.
- JAKOBSON, ROMAN (1960). Linguistics and Poetics, in: THOMAS A. SEBEOK (ed) *Style in Language*, Cambridge, Mass.: The MIT Press, 350-77.
- LIEDE, ALFRED (1963). *Dichtung als Spiel. Studien zur Unsinnpoesie and der Grenzen der Sprache*, Vol. 2, Berlin: de Gruyter.
- MATTSON, MARK E. and BERNARD J. BAARS (1992). Laboratory Induction of Nonspeech Action Errors, in: BERNARD J. BAARS (ed) *Experimental Slips and Human Error: Exploring the Architecture of Volition*, New York & London: Plenum, 151-94.
- PALM-NESELMANN, C. (1960). *Schüttelreime. Neue Folge*, n.p.
- POTTER, JOHN M. (1980). What Was the Matter with Dr. Spooner?, in: VICTORIA A. FROMKIN (ed) *Errors in Linguistic Performance. Slips of the Tongue, Ear, Pen, and Hand*, New York, etc.: Academic Press, 13-34.
- REIß, KATHARINA (1981). Der Übersetzungsvergleich: Formen – Funktionen – Anwendbarkeit, in: WOLFGANG KÜHLWEIN, GISELA THOME and WOLFRAM WILSS (eds) *Kontrastive Linguistik und Übersetzungswissenschaft. Akten des Internationalen Kolloquiums Trier/Saarbrücken, 25-30.9.1978*, München: Fink, 311-19.
- RICHLER, MORDECAI (1971). *St. Urbain's Horseman*, London: Weidenfeld and Nicolson.
- RICHLER, MORDECAI (1976). *Le cavalier de Saint-Urbain*, trans. Martine Wiznitzer, Paris: Buchet/Chastel.
- RICHLER, MORDECAI (1980). *Há-paraš mi-St. Urbain*, trans. Aharon Amir, Tel Aviv: Zmora, Bitan, Modan.
- ROTH, EUGEN (1968). *Ins Schwarze. Limericks und Schüttelreime*, München: Hanser.
- ROTH, EUGEN (1977). *Sämtliche Werke. Vol. 1. Heitere Verse*, München: Hanser.
- SOBKOWIAK, WŁODZIMIERZ (1991). *Metaphonology of English Paronomastic Puns*, Frankfurt am Main, etc.: Peter Lang.

- TOURY, GIDEON (1980). *In Search of a Theory of Translation*, Tel Aviv: The Porter Institute for Poetics and Semiotics, Tel Aviv: The Porter Institute for Poetics and Semiotics, Tel Aviv University.
- TOURY, GIDEON (1992). Everything Has Its Price: An Alternative to Normative Conditioning in Translator Training, *Interface* 6(2): 60-72.
- TOURY, GIDEON (1995). *Descriptive Translation Studies and Beyond*, Amsterdam & Philadelphia: John Benjamins.
- VAN DEN BROECK, RAYMOND (1981). The limits of Translatability Exemplified by Metaphor Translation, in: ITAMAR EVEN-ZOHAR and GIDEON TOURY (eds). *Theory of Translation and Intercultural Relations (Poetics Today 2:4)*, Tel Aviv: The Porter Institute for Poetics and semiotics, Tel Aviv University, 73-87.
- ZIMMER, RUDOLF (1981). *Probleme der Übersetzung formbetonter Sprache. Ein Beitrag zur Übersetzungskritik*, Tübingen: Max Niemeyer.